

# ARQUIVOS, FONTES E MEMÓRIA: DESAFIOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO\*

*Anderson Szeuczuk<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

A história é constituída pelos vestígios, deixados pelo homem em sua passagem pelo mundo no tempo. Esses vestígios ganham status de fontes nas mãos dos historiadores, que têm a possibilidade de interpretá-los, indagá-los e produzir um novo conhecimento sobre a história.

Toda fonte depende da interrogação do pesquisador e dos questionamentos que o mesmo fará a ela, isso porque os registros do passado muitas vezes não foram produzidos com uma finalidade histórica. “De posse desses documentos, o historiador deverá interrogá-los, fazendo-os falar.” (VIEIRA, 2013, p. 69). Pelos documentos que o historiador reconstruirá os vestígios de passado, e a interrogação dos mesmos respaldará seus questionamentos do presente.

O trabalho do historiador vem se aperfeiçoando, assim como a relação entre pesquisador e documento. A própria definição de o que é uma fonte sofreu profundas transformações no decorrer do tempo. Inicialmente na historiografia, apenas os documentos oficiais e escritos eram considerados fontes historiográficas, vistos como sinônimos de verdade incontestáveis, cabendo ao historiador apenas descrevê-los.

As grandes transformações no campo historiográfico remetem especialmente ao século XIX, onde havia uma preocupação em transformar a história em uma ciência com métodos específicos. Grande parte dessas mudanças foi influenciada pelo iluminismo, apresentando profundas transformações de pensamento sobre a história.

Nesse contexto, são lançadas as bases para um novo modo de pensar a história, alguns historiadores veem a necessidade da criação de normas e regras específicas para a então denominada “ciência da história”. Nesse sentido Schaff aponta:

---

\*DOI – 10.29388/978-65-81417-76-5-0-f.22-28

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, na linha de História da Educação. Bolsista/CAPES). É membro do Grupo de pesquisa HISTEDOPR- História, sociedade e educação no Brasil - GT Oeste do Paraná, Cascavel. E-mail: andersonszeuczuk@gmail.com

É portanto falso acreditar, como o faziam os positivistas, que os fatos históricos, porque são historicamente importantes, significativos, se destacam por si mesmos dos outros acontecimentos ou processos históricos, e que o historiador se deve limitar a registrá-los e a apresentá-los, uma vez que o seu significado é suficientemente “eloquente”. (SCHAFF, 1995, p. 234).

As fontes constituem a principal ferramenta do trabalho do pesquisador, são elas que viabilizam, ou não, um trabalho científico que proporcionará a construção de uma pesquisa. São elementos fundamentais para a produção do conhecimento histórico. Neste sentido, o trabalho de busca, levantamento e identificação das fontes, são essenciais para a constituição da memória histórica.

## O CAMPO HISTORIOGRÁFICO

Para compreendermos o processo de constituição da historiografia, remetemos ao século XIX, onde importantes mudanças são perceptíveis no pensamento historiográfico, destacamos principalmente o positivismo, fortemente influenciado pelo pensamento kantiano, que procurava incorporar na história um método científico.

Neste contexto, podemos assinalar algumas etapas na construção da historiografia. Em um primeiro momento, a figura fundamental de Leopold von Ranke, no ano de 1824, em sua obra *História dos povos românicos e germânicos*, destacando-se como marco fundamental da historiografia crítica e também a produção de um pensamento propício para fundação da história como campo específico de pesquisa.

Em um segundo momento, influenciado pelas ideias do positivismo, o historiador Gabriel Monod, como um dos precursores da “Revue Historique”, em 1876, se destaca pela introdução do método de análise documental e de um método propriamente dito da disciplina. Finalmente destacamos a presença da escola dos annales, *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Tendo como fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929, iniciam essa mudança no paradigma de fontes, com a intenção principal a crítica documental e positivista da história e uma nova concepção de documentação. Na busca por novos objetos, novos métodos e novas fontes a fim de responder de maneiras diversas os problemas de pesquisa de seu presente (REIS, 2000).

Os registros históricos são peças usadas pelos historiadores, para produzir determinadas explicações históricas, neste viés Aróstegui crítica:

[...] a história não é uma narração dos fatos memoráveis, geralmente políticos, que ilustram a vida dos grandes homens, os governantes e os poderosos, mas se refere aos fatos da civilização e que é uma explicação do passado e não sua descrição. (ARÓSTEGUI, 2006, p. 102).

As transformações no conceito de fontes pela Escola dos *Annales*, influenciou o pensamento historiográfico contemporâneo com uma diversidade de fontes, entre elas as orais, escritas ou visuais, possibilitando uma ampliação no objeto do historiador.

O registro histórico é construído pelo historiador: “A história não é uma memória individual, mas uma memória coletiva. Os indivíduos obtêm dos outros o conhecimento dos fatos históricos, selecionando, é verdade, aqueles que desejam.” (PENN, 2009, p. 24). A história construída não é uma memória individual, mas sim uma memória coletiva. Aqueles que escrevem a história, selecionam, a verdade que desejam que seja registrada.

O estudo do passado, por meio de fontes primárias, possibilita a compressão de valores, ideias e diferentes concepções de sociedade que integram as instituições em seu espaço e no tempo. A reconstrução da história prescinde basicamente das fontes, mediante sua localização, preservação e socialização, necessárias para preservação da memória. Nesse sentido Le Goff destaca:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com plena causa e conhecimento. (LE GOFF, 1990, p. 470).

Todo documento é um monumento, resultado de escolhas e intenções de quem o produziu, sendo criado em uma conjuntura a qual relações sociais, políticas e interesses individuais direcionam seus objetivos. Nesse sentido, a história não deve consistir em uma narração dos acontecimentos, mas compreender os fatos do passado sobre diferentes perspectivas.

A nova historiografia ao combater a História tradicional, baseada em “uma perspectiva cumulativa e progressista”, possibilitou a criação de novos métodos e possibilidades para produção do conhecimento científico. Sempre estamos reescrevendo a história e este processo se deve basicamente em função das necessidades do presente e dos efeitos dos acontecimentos do passado no presente, afinal, a história é escrita com base em indagações e questionamentos do historiador que está em seu tempo presente olhando para o passado.

A qualidade do conhecimento histórico depende da relação dos historiadores com as fontes, a pluralidade de fontes disponíveis, devem ser analisadas e interpretadas pelo historiador, cuja abordagem deve partir de uma metodologia específica para cada tipo fonte, por exemplo, uma fonte oral terá um tratamento diferenciado de um documento do judiciário, ou ainda de uma fotografia. Cabendo ao historiador optar pela metodologia mais adequada a sua pesquisa.

Quando pretendemos desenvolver uma pesquisa ou uma resposta para um problema, frequentemente vamos ao passado, o mais longe possível, a fim de tentar responder as questões do problema de pesquisa. A trajetória da maioria dos pesquisadores ao realizar o levantamento bibliográfico, é percorrer o passado longínquo e fazer resumo histórico. Sem dúvida que é importante situar esse importe dentro da pesquisa, mas não gastar exaustivas páginas ou capítulos com os mesmos.

A reescrita da história não pode se restringir a uma simples busca no passado para problemas do presente. Ao realizar esta ação temos o risco de buscar em fatos isolados respostas para questões desarticuladas com uma totalidade e as contradições que podem ser observadas na sociedade. O trabalho com fontes históricas é desafiador, pois é uma forma de apresentar a coletividade, o resultado de discussões que interessam aos sujeitos envolvidos no contexto da produção de um determinado documento.

## **FONTES E MEMÓRIA NA HISTÓRIA REGIONAL**

No Brasil, a preocupação em relação aos arquivos para pesquisa é recente e pouco disseminada. A pesquisa histórica é realizada mediante a análise de documentos conhecidos ou reconhecidos como fontes para a investigação histórica. Os arquivos são elementos importantes neste processo de pesquisa, porque disponibiliza ao pesquisador as fontes que servem de base para a realização da investigação histórica.

O historiador, por meio do trabalho direto com as fontes, tem a possibilidade de analisar o conhecimento acumulado pela sociedade. O trabalho com fontes também é uma forma de apresentar a coletividade, o resultado de discussões que interessam aos sujeitos envolvidos no contexto da produção de um determinado documento.

A documentação em seu estado natural, preservada em arquivos, embora tenha seu valor patrimonial, não tem o poder de resgatar a memória sem o trabalho de análise de um pesquisador, que se debruça sobre os mesmos com um olhar científico a fim de produzir uma

discussão e interpretação sobre os documentos, para com isso sociabilizar o conhecimento a todos interessados.

A preservação da memória é um elemento que transcende aos interesses administrativos institucionais, políticos e individuais. A memória histórica é o alicerce para compreendermos o passado. Toda sociedade tem a necessidade de preservar sua história para posteridade, neste sentido, a preservação das fontes e arquivos tem um sentido “ampliado”, indo muito além da pesquisa acadêmica, se estendendo para atender os interesses para toda comunidade a qual a produziu.

Os arquivos constituem locais para preservação da memória, que se dividem em públicos e privados, estes também podem ser tombados pelo poder público. Eles agrupam uma documentação diversa, organizada com diferentes finalidades, entre elas podemos citar, de armazenar, preservar e recuperar a memória local.

Os centros de documentação são essenciais para construção da memória individual e coletiva, evidenciando a memória de diferentes sujeitos e suas experiências no tempo e seus vestígios do passado, agrupam uma infinidade de documentação que correspondem à memória de um local, de um contexto e de indivíduos ou da coletividade.

Os registros do passado são fundamentais para se compreender a história e o desenvolvimento de uma sociedade, nos apresentam uma visão ampliada sobre o contexto de um grupo de pessoas inseridas em um contexto pré-determinado.

Os arquivos constituem locais da memória de uma região, abrigam fontes que trazem diversas possibilidades de pesquisa e resgate da memória local. No trabalho em arquivos, é comum o pesquisador se deparar com documentos oficiais, que são regidos muitas vezes por uma legislação específica, seguindo um determinado padrão em sua estruturação, sendo necessárias e implementadas no período na qual estão inseridos. Nesse sentido Bacellar (2005) destaca:

O entendimento desse grande mecanismo administrativo é fundamental para se compreender que tipos de documentos teriam sido hipoteticamente produzidos e arquivados nos desvãos das estantes dos funcionários régios. Hipoteticamente, pois nem sempre se tem plenas garantias de que tais documentos foram de fato produzidos, ou seja, se os administradores cumpriram fielmente suas obrigações. O problema é, contudo, ainda mais complexo. A elaboração de um documento não necessariamente significa que seguiram as normas de conteúdo informacional originalmente previstas. Por fim, o que foi produzido e acumulado muitas vezes se perdeu com o tempo ou com a incúria. (BACELLAR, 2005, p. 44).

Antes do pesquisador se aprofundar na interpretação de um determinado documento, se faz necessário a compreensão do funcionamento e da estrutura administrativa da legislação

do período analisado. A documentação oficial foi produzida para servir de um propósito específico. A produção de relatórios ou registro de dados foram realizadas, em sua maioria, para se cumprir exigências burocráticas de um sistema, menos para servirem de fontes para futuros pesquisadores.

O arquivo do historiador contemporâneo não é mais o mesmo comparado há um século. Com o passar do tempo, novas técnicas e abordagens são incorporadas no trabalho com fontes, algumas negligenciadas no passado, passam a fazer parte do acervo que possibilitam uma pesquisa com um olhar diferenciado do passado:

O arquivo do historiador renovou-se e diversificou-se. E as técnicas de processamento tomaram-se mais sofisticadas e complexas. Agora, a história poderá ser feita com todos os documentos que são vestígios da passagem do homem. O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo. (REIS, 2000, p. 24).

Concordando com Reis, a história pode utilizar-se de todos os documentos que podem resgatar vestígios do passado, analisando-os para recuperar o passado e as expressões vencidas pelo tempo. Com o surgimento de novos métodos e novos objetos, há a possibilidade de novas pesquisas com a utilização de novas fontes a fim de responder a novos problemas e questionamentos que surgem diante do pesquisador, sempre temos a necessidade de inovação na pesquisa histórica e este é nosso trabalho e função.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história nos últimos anos sofreu uma grande fragmentação, resultado das diversas correntes e concepções historiográficas que culminaram em diferentes percepções e interpretações do conceito de história.

A historiografia acabou recebendo influências do positivismo e, posteriormente, dos *Annales*. Na atualidade não tem uma identidade única, não existe uma única maneira de se construir e fazer história, e sim diversas abordagens que se desdobram sobre diferentes perspectivas de pesquisa.

Na contemporaneidade, o historiador tem a possibilidade de trabalhar com uma infinidade de fontes adequadas a seu problema de pesquisa, analisando seu objeto e apresentando a relevância social de sua pesquisa. O trabalho em arquivos é essencial para encontrar as fontes que possibilitaram a pesquisa histórica.

Nosso desafio como pesquisador se concentra em tentar resgatar a memória e despertar na sociedade a importância da preservação documental, possibilitando para futuras pesquisas, que embora individuais e locais, mostram-se fundamentais na reconstrução da história.

## REFERÊNCIAS

- ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.
- BACELLAR, C. Uso e mau uso dos arquivos. *In*. PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005 p. 23–80.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- SCHAFF, A. **História e Verdade**. Trad. Maria Paula Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- PENN, L. de A. **História, uma História: Memória e Conhecimento**. Rio de Janeiro: E. Papers, 2009.
- REIS, J. C. **Escola dos Annales, a Inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- VIEIRA, A. M. D. P. Instituições Escolares, memória, fontes, arquivos e novas tecnologias *In*: SILVA, J. C. da S.; ORSO, P. J.; CASTANHA, A. P.; MAGALHAES, L. D. R. **História da Educação: Arquivos, Instituições escolares e memória histórica**. Campinas: Alínea, 2013. p. 131-155.